



A GESTÃO DO CUIDADO E OS CONSTRUTOS DE GÊNERO

Camila Fernandes Pinto

The newborn child is quite helpless and requires a great deal of care and protection for its survival.

SCHNEIDER. D. American Kinship. A Cultural Account.

Uma adolescente caminha em direção à escola do bairro acompanhada de um volumoso grupo de gente. Cerca de quinze crianças brincam, conversam, olham com atenção para atravessar a rua. A jovem atenta lidera o grupo até o seu destino principal e logo em seguida retorna para casa, cantarolando sozinha enquanto vira o chaveiro entre os dedos. E todo dia é assim, Renata tem 16 anos e é responsável por levar as crianças à escola.

Este trabalho busca observar contextos de cuidados com crianças em áreas urbanas.¹ A pesquisa em curso se desenvolve a partir de vivências experienciadas no Morro do Palácio, área popular da cidade de Niterói/RJ. Busco acompanhar itinerários de vida e apreender narrativas de cuidados derivadas das relações entre pessoas com seus filhos e com as crianças das quais cuidam, seja através das posições de parentesco, vizinhança, amizade ou mesmo profissional, como educadores, empregadas domésticas e babás.

Uma vasta literatura parece ressignificar a presença exclusiva de pais e mães no cotidiano com os filhos e questionar a aparência paradigmática de configurações familiares do tipo “monoparental”, da “família unida” e “nuclear”. Estes formatos vêm sendo amplamente interrogados nas Ciências Sociais, na História, na Antropologia, na Filosofia e nas Teorias de Gênero nas últimas décadas (FONSECA, 2007). Entretanto, a divulgação de multiplicidades familiares não nos leva a crer em sua suposta novidade enquanto um fenômeno contemporâneo, mas ao contrário, coloca em questão a possível reificação de investimentos sistemáticos nestes modelos analíticos. (FONSECA, 2005, DUARTE, 1995).

Diante desses diálogos, a presente discussão se articula com base em três eixos de análise. Primeiramente evoco a idéia absolutamente central do compartilhamento dos cuidados manifesta na apreciação do fenômeno da circulação de crianças explorado por Claudia Fonseca. A noção de rede social parcialmente implícita no conceito da circulação conduz a compreensão do *ethos* fragmentário do cuidado presente no universo pesquisado. A

¹ Esta apresentação é parte da pesquisa de mestrado em andamento intitulada: “Circulação de crianças. O cuidado de filhos em contextos urbanos” desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFF sob orientação do Profº Jair de Souza Ramos. Agradeço os comentários e sugestões da Profª Adriana Vianna (PPGAS/MN) e da Profª Simone Guedes (PPGA/UFF) feitos na ocasião da qualificação de meu projeto.



idéia de fragmentação é uma tentativa expositiva de fundo metodológico que anseia refletir a idéia na qual “todo mundo faz um pouco”.²

Em segundo lugar considero as reflexões dos estudos de gênero em torno do eixo público/privado. (COSTA, 2002) Os binarismos casa/rua, natureza/cultura, político/doméstico deixam de ser pensados como categorias herméticas, distintas e impenetráveis, dadas de antemão, e permanecem à medida que são acionadas nos discursos. Considero o suposto caráter *informal* ou *intersticial* dos fenômenos *privados* como expressão das socialidades domésticas, (STRATHERN, 2006) geralmente arquitetadas nas ciências econômicas (mais precisamente na economia de mercado) como *trabalho reprodutivo*, posto que, o conteúdo mercantil de tais relações se vê assim abstraído (MELLO, 2009). Considero também, as preocupações da socióloga Florence Weber acerca da gestão coletiva da vida. Trata-se de compreender a dimensão prática dos cuidados, fenômeno tradicionalmente circunscrito na categoria da domesticidade. (WEBER, 2009)

O terceiro momento da pesquisa se inspira no postulado maussiano segundo o qual, existe uma expressão obrigatória dos sentimentos. (MAUSS, 1980) A dimensão sinérgica dos afetos, dos constrangimentos e das tensões recheiam o campo das moralidades presentes nas convenções dos cuidados. A apreensão dos investimentos afetivos é expressa ainda na dimensão do gênero, invariavelmente acoplado às gramáticas analisadas.

O experimento de campo em curso se desenvolve a partir do convívio cotidiano em uma creche municipal.³ A creche, como unidade física e territorial, é apropriada como uma matriz relacional constitutiva de cuidados entre profissionais, famílias e crianças. Contudo, a pesquisa não se limita ao território da creche e procura apreciar a dimensão das casas envolvidas e dos locais de trabalho pelos quais interagem os interlocutores da pesquisa. A metodologia utilizada se inspira nas premissas do trabalho de campo etnográfico, entendido como um atravessamento entre a experiência nativa vivida pelo pesquisador - na apreciação de categorias próprias - e os pressupostos antropológicos. Dessa síntese pretende-se uma possível inteligibilidade entre distintos universos contextuais.

A gestão do cuidado

² Trata-se da colocação de filhos em outros lares, de parentes, famílias substitutas, vizinhos, patrões, ou instituições. Ver: FONSECA, C. Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 1ª. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

³ Referências sobre a creche. Sou grata ao apoio de pesquisa dado por Helton Luciano e por Maria Célia na minha inserção no Morro do Palácio. Sou igualmente grata a todas as pessoas com as quais venho estabelecendo conversas e aproximações. Estas pessoas são colaboradoras diretas na pesquisa e sem elas este trabalho não seria possível.



A atividade do *Cuidar* comporta diversas ações geridas no exercício do cotidiano. O amplo repertório de conotações contidas no termo permite dimensionar a capacidade diversificada da categoria em si, e, nesse sentido, a polissemia intrínseca ao léxico é uma característica já de entrada, instigante. Florence Weber em recente publicação compôs em nota de rodapé a riqueza do termo na língua inglesa da qual o *care* comporta um compósito de acepções: “dar atenção”, “tomar conta”, “dar dinheiro”, “dar assistência”, são alguns deles. (2006) Em nosso contexto de estudo, o *cuidar* constitui-se como um grande conjunto de ações e atitudes expressas em: alimentar, criar, olhar, dar atenção, ficar com, levar à escola e/ou à creche, fazer dormir, contar histórias, brincar, educar, comprar coisas, entre outros. Pois será na apreciação destes atos contínuos e extremamente necessários na vida dos interlocutores que pretendo expor algumas perspectivas teóricas acerca do modo pelo qual estes constrangimentos e atitudes descortinam práticas de parentesco não - canônicas e livres das tautologias binárias de gênero, ainda que noções acerca de famílias e parentesco atuem como princípios destes cuidados.

“Tudo o que uma mãe faz”. A perspectiva de Luis⁴

No horário de entrada e saída da escola forma-se um bate-papo no espaço exterior à creche, no qual grupos de pessoas comentam assuntos relativos aos filhos, ao dia-a-dia, sobre alimentação, passeios, entre outros. De fato, a maioria das pessoas que surgem nesta configuração (educacional/infantil) são mulheres, e essa presença feminina não é banal, contudo, em nosso contexto de pesquisa, também é possível interagir com homens envolvidos em contextos de cuidados.

Luis é um jovem de 26 anos e trabalha como panificador em uma charmosa padaria da cidade. Seu interesse por culinária começou na infância vivida no Ceará enquanto ficava na cozinha sob os cuidados de sua mãe. Há cerca de quatro anos Luiz vive com sua esposa no Morro do Palácio e desde o nascimento do filho Mateus sua rotina diária gira em torno do trabalho, da casa e das tarefas de cuidados com o filho: “desde pequeno eu faço muitas coisas com Mateus, ele ficou direto com minha esposa quando era pequenininho, mas depois dessa fase as coisas são mais comigo”.

Mateus tem cinco anos de idade e suas narrativas na creche quase sempre comportam a presença de seu pai. Um de seus recentes desenhos pendurados no mural estampa um menino e um adulto brincando na areia da praia. Quando há necessidade de se transmitir

⁴ Para conservar a privacidade das pessoas envolvidas na pesquisa os nomes utilizados aqui são fictícios. Esclareço que esta foi uma iniciativa minha, já que a pesquisa se encontra em desenvolvimento.



algum recado relativo a Mateus é o nome do pai que é proferido entre as professoras. A diretora comenta: “vou avisar a Luiz que Mateus não comeu direito hoje”. Com a nossa aproximação pude observar que Luiz realiza inúmeras atividades em casa; dar banho, comida, escovar os dentes, jogar vídeo-game, cozinhar juntos, contar histórias, passeios e colocar para dormir.

Em encontros com a mãe de Mateus, esta me diz: “é ele que exerce uma moral com o filho, é ele quem conversa com o Mateus sobre as coisas que acontecem na escola, o que comeu, o que ele fez durante o dia... Mateus prefere dormir com ele do que comigo”. Luiz discorda que essas tarefas devem ser realizadas apenas por mulheres e, sobretudo somente por parte da mãe. Ele comenta que durante sua criação aprendeu que os meninos deviam ajudar em casa: “tem homem que é machista: ah, homem não cozinha, homem não varre uma casa, homem não lava um banheiro, eu não, eu faço tudo”. Luis quase sempre sugere a idéia de que o gênero independe dos atributos corporais, na sua formulação o gênero se constitui de forma relacional, sendo transacionado entre homens e mulheres. Contudo a dedicação de Luis com o filho não parece estar relacionada apenas com a idéia na qual as atitudes de homens e mulheres podem ser partilhadas. Persiste ainda uma idéia mais sutil na qual o cuidado com o filho revela-se como parte fundamental da vida, como uma ação indispensável e prazerosa na construção da integridade da criança e, por conseguinte, do bem estar da família.

As narrativas de Luis comportam o exercício do afeto e do amor na composição do cuidado com a criança “faço porque gosto mesmo, tenho prazer”. A experiência denota um padrão de conjugalidade que se aproxima do ideário igualitário (HEILBORN, 2004). Entretanto, o enérgico envolvimento de Luis sugere que a idéia de um compartilhamento de tarefas da casa e com as crianças não é exclusivo de segmentos médios (escolarizados, elitizados e psicanalisados). Ao mesmo tempo, a relação compreende uma inversão na clássica díade mãe-filho, recorrentemente divulgada na literatura feminista, dada sua aparente universalidade. Não se trata de aderir ao cálculo de atividades e auferir quem é a pessoa mais presente. Trata-se apenas de registrar, em meio à presença maciça de mulheres, a experiência significativa de homens em contextos de cuidados.

“Pegar pra criar”: Tias, Avós e Cuidadores.

Não é de hoje que a presença de avós em contextos de cuidados tinge o interesse antropológico. A existência de avós e avôs em contextos de cuidados é expressiva e exprime o



exercício de ajudas e mediações em situações de separações conjugais, doenças dos filhos e nascimentos de crianças. (BARROS, 1987)

Samara tem 05 anos e conta como veio estudar na creche: “eu falei para o meu avô Girafa (apelido do avô) que queria estudar lá na creche da vovó Lucia”. Foi assim que Lucia passou a levar Samara para a mesma creche na qual exerce a função de auxiliar de serviços gerais. Lucia e seu ex-marido são responsáveis por cuidar de Samara desde seu nascimento: “A mãe já teve dois filhos depois desta, por isso eu peguei pra criar mesmo. A mãe prefere também porque ela já é muito nervosa com os outros dois”. Nesse sentido, Samara circula entre as três casas das quais recebe cuidado, a casa da mãe, que frequenta de vez em quando, a casa do vovô Girafa, seu abrigo durante alguns dias da semana, e a casa de Lucia, o lugar no qual passa a maior parte do tempo quando não está na creche.

Uma das professoras da creche apresenta uma experiência similar. Após a morte do filho de 11 anos de idade Rosa recebe sua irmã Larissa acompanhada de uma criança recém-nascida para viver em sua casa. O filho de Rosa falecera após sucessivas tentativas em sanar a “doença de coração” que sofria desde pequeno. Passados os três meses de resguardo, Larissa retornou ao trabalho como supervisora de um hotel. Assim, o filho de Larissa ficaria sob os cuidados de Rosa.

As modalidades de cuidado eram realizadas por Rosa, que neste momento assumia o lugar da mãe, “ficava no lugar da mãe dele, mas tudo era muito claro, eu cuidava dele como filho, mas ele sabia muito bem quem era a mãe dele”. Larissa trabalhava diariamente e, quem geria as decisões sobre o cotidiano de Tadeu era Rosa. Larissa teve sua segunda filha e passou a viver em outro bairro. Com quatro anos de idade Tadeu passa a morar junto com Larissa enquanto que Melissa, sua segunda filha recém-nascida, ficaria sob os cuidados de Rosa. O pai das crianças trabalhava em um estaleiro da cidade e, segundo Rosa, sempre deu atenção aos filhos, mas de longe. Rosa não apenas cuidava diariamente de seus sobrinhos, como passava os finais de semana com as crianças, que até hoje, com 14 e 18 anos, frequentam sua casa.

Crianças que se cuidam.

Quando não se pode contar com a ajuda de babás ou empregadas domésticas para a vigília dos próprios filhos, o que se faz? O experimento de campo sugere uma série de combinações envolvendo crianças não apenas como receptoras de cuidados, mas sim, como produtoras de cuidados. O contexto definidor dessas escolhas circunscreve a necessidade de



se *trabalhar fora*, junto à falta de dinheiro para manter os filhos sob os cuidados de adultos, desse imperativo derivam inúmeros contextos.

Felipe tem 05 anos de idade e vive com os pais e dois irmãos, cujas idades são de 02 e 04 anos respectivamente. Em recente encontro, Felipe exibia, rindo, um corte na palma da mão e explicava que havia se cortado enquanto preparava um lanche em casa. Os pais de Felipe passam a maior parte do dia trabalhando fora de casa e por isso, a prima de Felipe permanece com as crianças em casa até o fim do dia. Alice tem 15 anos e é a pessoa responsável por cuidar das crianças: “ela apronta nossa janta, pega a gente na creche, brinca com a gente, deixa a gente fazer bagunça, mas depois a gente arruma, corta laranja, arruma a casa, ela faz tudo”, comenta Felipe. A mãe de Felipe trabalha em uma padaria e seu marido faz entregas para uma empresa de festas. Alice recebe cerca de R\$ 100,00 reais cuidar das crianças.

Em outra casa é a vez de Tamara e Tatiana se arrumarem para ir à escola. As meninas de 07 e 09 anos aprontam as mochilas para descer o morro com a mãe em mais um dia de trabalho. Carol trabalha como babá na zona sul da cidade enquanto as filhas passam a manhã na escola e durante à tarde freqüentam atividades “socioeducativas” na ONG do bairro. Ao findar do dia, as irmãs retornam para casa percorrendo cerca de três quarteirões até o *pé do morro*.⁵ Carol estuda à noite e, durante este período, Tamara e Tatiana permanecem em casa, uma cuidando da outra: “Hoje em dia eu ainda tenho trabalho com as minhas filhas, mas elas me ajudam muito”. Carol explica que graças à ajuda de suas filhas no cotidiano doméstico ela pode estudar. Tamara e Tatiana “ajudam muito em casa, dobram as roupas, estendem no varal, limpam o chão que é branco de azulejo, varrem a casa, lavam louça, arrumam, me ajudam muito. Todos os dias elas me dão uma mão.” O pai das meninas trabalha à noite como vigia noturno e por isso “só pode ficar de vez em quando”. Algumas vezes as meninas ficam sob os cuidados de Lucas, amigo de Carol e namorado de Marcela, uma de suas melhores amigas. Carol e Marcela estudam à noite e por isso as crianças frequentemente são vigiadas por ele: “A gente faz pipoca, bota o som e fica zoando”. Lucas não vê problema em ficar com as crianças, pois esta hora ele “fica de bobeira em casa”.

Afetos e tensões. Algumas notas conclusivas.

Esta exposição busca considerar o *cuidado* como um grande conector de relações: por esse motivo, o cuidado deve ser pensado em termo de relações constantemente atualizadas em

⁵ *Pé do morro* é a expressão utilizada para situar a faixa territorial que dá início a subida do morro.



seus contextos. Tais contextos explicitam trocas de pontos de vista, recobertos de denso conteúdo moral. As alteridades englobam crianças e adultos e são mediadas por princípios de parentesco, confiança, amizade e gênero. Decisões relativas às crianças são objeto de profunda reflexão e protagonizam grandes debates revestidos de emoção e afeto. A criança enquanto objeto do cuidado parece carregar as relações de parentesco das quais provém; falar mal do filho de outrem é falar mal de quem cuida daquela criança. As narrativas explicam o *mau comportamento* infantil a partir da família da qual a criança é parte: o problema “é da família”, entidade simbólica englobadora do lar e das pessoas que vivem na casa. No entanto, o modo pelo qual a criança pode corporificar suas relações externas não necessariamente se explica a partir do viés da reputação familiar, ou da noção de honra, mas permite pensar em que medida a idéia do filho passa por uma noção de posse, produto de alguém capaz de encarnar qualidades morais, dado que vincula noções em torno da idéia do sangue. (ABREU, 1982)

O cuidado dos filhos quase nunca passa incólume perante o universo que lhe confere sentido. Sempre há algo para dizer sobre o jeito de criar os filhos de outrem: “ela não tem paciência não, ela sabe que eles não obedecem e ela quer discutir com eles, e eu falo pra ela, você não pode discutir com eles, *bota* eles de castigo, eles já não são fáceis, fazendo assim vai ficar pior”. Ninguém recebe tranquilamente os comentários e críticas feitos em relação aos próprios filhos, mesmo quando se concorda com a opinião alheia. No contexto família/escola/vizinhança crianças *agitadas e difíceis* deixam de ser *apenas crianças* e se tornam *casos*. Estes *casos* apresentam uma estrutura dramática e mobilizam diversas gramáticas sobre formas legítimas e corretas para educar e criar filhos. É quando o foco das discussões deixa de ser a criança e os problemas que dela decorrem, para virar o problema dos adultos. Neste novo patamar, os casos geralmente são agenciados por uma gama de afetos mútuos, trocas de ofensas segredadas e múltiplas acusações difusas: “Tem gente aqui que se troca pela criança”.

As noções acerca da *idade* são constantemente redefinidas nas interações. Com que idade a criança pode ficar sozinha em casa? Com quanto tempo o filho pode brincar na rua? Quando a criança pode ir à escola sozinha? São temas recorrentemente postos em reflexão e relativizam noções acerca da categoria etária, “*Os mais velhos eu deixo em casa (um de 06 e outro de 08). Eles ficam jogando vídeo-game durante horas. Daí eu fico des preocupada. Agora deixar esse aqui com eles não dá ainda (filho de 02 anos). Prefiro trazer e trabalhar com ele aqui perto*”. Pessoas que deixam os filhos em casa para estudar e trabalhar narram a permanente tensão: “*Tenho medo de deixar em casa sozinha, é porque preciso estudar, mas a*



gente nunca sabe, por que criança apronta”. Apesar de apostar no auto-cuidado das crianças, parece sempre arriscado pensar a permanência de crianças sozinhas. É sempre preferível que crianças fiquem acompanhadas, mesmo que isso implique a negociação de outras relações.

Os contextos de cuidados aqui apresentados envolvem um amplo conjunto de pessoas no exercício das obrigações e na manifestação dos afetos. É certo que existe uma forte referência na idéia de maternidade. Contudo, o exercício da maternidade/paternidade - enquanto processo socialmente reconhecido - depende dos contextos nos quais ocorre. O nascimento de crianças transforma homens e mulheres em pais e mães, e estas posições carregam uma forte expectativa. (SCHNEIDER, 1968) As posições de parentesco são generificadas, e como a maioria das pessoas envolvidas em contextos de cuidados são mulheres, a atividade ainda é fortemente relacionada aos artefatos do feminino; o carinho, o afeto, a domesticidade, figuram como valor e encompassam noções de gênero. Mas se o cuidado anexa imagens construídas a partir de atributos sexuais e simbólicos, o experimento de campo indica experiências que ressignificam este imaginário. O conjunto de pessoas expresso na metáfora de rede social, ainda que compartilhe de noções clássicas do gênero, aciona diversas formas de realização dos cuidados, feitos por crianças, por avós, homens e por situações que fogem a entidade conjugal e biológica. As noções de parentesco são ativadas a partir da proximidade geográfica, somadas a chave da amizade e da confiança, e se assemelham à idéia do parentesco prático enunciada por Florence Weber: um lócus de referências no qual as pessoas classificam com quem podem ou não contar na partilha dos cuidados dos filhos. Ainda que vigorem referências tradicionais acerca dos construtos da maternidade/paternidade, a interação vivenciada exprime *outras* conectividades na partilha dos cuidados e, com efeito, desafiam conceitos e palavras para falar sobre esses trajetos.

Bibliografia.

ABREU Filho, Ovídio. Parentesco e Identidade Social. In: Anuário Antropológico. Tempo Brasileiro. Fortaleza – Rio de Janeiro. 1982.

BARROS, Mirian L. *Autoridade e afeto*. Avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

COSTA, Suelly G. *Proteção Social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva*. Estudos Feministas, Florianópolis/SC: CFH/CCE/EFSC, 2002, vol. 10, n. 2/2002, p.301-324.

DUARTE, Luis. F. D. Horizontes do Indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In: *Família em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira* / Ivete Ribeiro, Ana Clara Torres Ribeiro, Organização; Luiz Fernando D. Duarte ET AL. – São Paulo: Loyola, 1995. PP. 27 – 41



FONSECA, Claudia. Amor e Família: Vacas sagradas da nossa época. In: *Família em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira* / Ivete Ribeiro, Ana Clara Torres Ribeiro, Organização; Luiz Fernando D. Duarte ET AL.– São Paulo: Loyola, 1995. PP. 69 - 87.

FONSECA, Claudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. In: *Dossiê Famílias em Movimento*. Cadernos Pagu nº 29 Campinas. Julio/Dezembro. 2007.

HEILBORN, Maria. L. *Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário / organização e apresentação* Maria Luiza Heilborn – Rio de Janeiro : Editora Garamond, 2004.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: S. Figueira (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

MELO, Hildete. P. de. E CASTILHO, M. “Trabalho reprodutivo no Brasil: Quem faz?” R. Econ. contemp., Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr. 2009.

SCHNEIDER, David. 1968. *American Kinship. A Cultural Account*. New Jersey: Prentice – Hall, 1968. PP. 31-54.

STRATHERN, Marylin. 2006. *O Gênero da Dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia* / Marilyn Strathern; André Villalobos, tradutor. – Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2006.

WEBER. Florence. *Le sang, Le nom, Le quotidien*. Une sociologie de la parenté pratique. Editions Aus lieux d'être (Mondes Contemporains). 2005.

WEBER. Florence. “Lares de cuidado e linhas de sucessão: algumas indicações etnográficas na França, hoje.” In: *Mana*. Vol. 12. Nº. 2. Rio de Janeiro. Oct. 2006.

WEBER, Florence. *Trabalho fora do trabalho*. Uma etnografia das percepções / Florence Weber; tradução Roberto Ceva – Rio de Janeiro : Garamond, 2009.